

**A FICÇÃO TRANSFORMA A HISTÓRIA: LAURA ESQUIVEL, JORDI CASTELLS E A REESCRITA DA IMAGEM DE MALINALLI, A MAL APELIDADA MALINCHE**

Walquíria Rodrigues Pereira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(walquiriarodrigues2013@gmail.com)

Cláudia Heloisa Luna Silva  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(claudia.luna@letras.ufrj.br)

**Resumo**

Este artigo busca refletir acerca da figura de Malinalli, a mulher indígena que atuou como intérprete durante a invasão das terras do atual México, e, em especial, acerca de como sua imagem é reescrita no romance *Malinche* (2006), de Laura Esquivel. Por meio da ficção, pela narrativa de Esquivel, e em parceria com as iconografias de Jordi Castells, presentes na obra, a imagem dessa mulher indígena é transformada. A leitura da obra é observada em contraste com as representações iconográficas de Malinalli nas pinturas: *O sonho de Malinche*, de Antonio Ruíz (1892-1964); *Hernán Cortés e Malinche*, de Jesús Helguera (1910-1971); e *O encontro de Moctezuma II e Cortés*, de Roberto Cueva del Río (1908-1988), sendo possível questionar as ideologias que permeiam a imagem dessa mulher mexica subalternizada e sexualizada. Malinalli remete ao peregrinar das mulheres que eram vendidas e levadas de um território para outro, de um “senhor” para outro, de um modo de viver para outro, todos incertos, com a certeza somente da servidão, como bem aponta Martha Robles (2019, p. 291). As discussões estarão ancoradas nos seguintes estudos críticos: Margo Glantz (2001); Cristina González (2002); León-Portilla (2003); Ana Maria Colling (2015), entre outros. Revisitar a imagem de Malinalli por meio da ficção nos ajuda a transformar a história dos sujeitos silenciados.

**Palavras-chave:** Malinalli; História; Ficção; Iconografia; Reescrita.

DOI: <https://doi.org/>

**Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

### Walquíria Rodrigues Pereira



Mestre em Letras Neolatinas (Opção Literaturas Hispânicas), com bolsa CAPES pela UFRJ. Especialista em Práticas em Letramento pelo IFRJ. Licenciada em Letras Português/ Espanhol/ Literaturas pela UFRRJ. Foi bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq – na área de Literaturas Pós-coloniais Latino Americana, e também, bolsista PIBID/CAPES no subprojeto de Espanhol na UFRRJ. Desempenhou a função docente nas séries iniciais da educação básica e, em pré-vestibular, ensino fundamental II e médio, através do espanhol. Atuou como bolsista de apoio técnico no NAGRAD na UFRRJ – IM. Integrou o grupo de pesquisa cadastrado no CNPq: Literaturas pós-coloniais: paradigmas de cambio na descolonização cultural latino-americana, pertencente ao grupo VARIUS – Variação e uso da UFRRJ/IM (2016 a 2018) e hoje integra o grupo do CNPq: CARDILA – Cartografias do discurso literário latino-americano. Possui interesse no ensino da Língua Espanhola como LE e suas respectivas literaturas, principalmente sob a ótica da leitura literária. Atualmente cursa a especialização em Língua Espanhola Instrumental para Leitura na UERJ e atua como professora substituta de Língua Portuguesa e Espanhola no IFMT.



<http://lattes.cnpq.br/9740857647431988>



<https://orcid.org/0000-0001-5395-2257>



<https://cardilaufrj.wordpress.com/about/>

DOI: <https://doi.org/>

#### Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**Cláudia Heloisa Luna Silva**



Professora Titular de Literatura Hispano-americana da UFRJ. Pós-doutorado em História da América pela USP. Doutorado em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas pela UFRJ e pela UBA - Universidad de Buenos Aires (Bolsa PDEE CAPES). Mestrado em Letras Neolatinas pela UFRJ (1989). Bacharelado e Licenciatura pela UFRJ (1982). Chefia o Diretório de Pesquisa MAR (Modernidade/ alteridade/ representação) e coordena o Projeto de Pesquisa Palavras em riste: luta, discurso e imaginário sobre mulheres latino-americanas (início em 2020). Participa do GT Mulher e Literatura (ANPOLL), da Rede de Estudos Andinos e do CEMHAL, onde é uma dos coordenadores do GT sobre Mulher e Interculturalidade e do GT de Traduções e Edições Críticas de obras de Autoria Feminina. Atua na área de Letras, com ênfase em Literatura Latino-americana, priorizando os temas: imaginário e representação, literatura hispano-americana, literatura e história, literatura de autoria feminina e formação dos imaginários nacionais, indigenismo e protagonismo indígena, heterogeneidade e interculturalidade, gêneros híbridos, historiografia literária e revisão do cânone, a partir do século XIX. Bolsa de Produtividade em Pesquisa - PQ 2015 CNPQ (2016 a 2019). Foi Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da UFRJ no biênio 2018-2020.



<http://lattes.cnpq.br/4105543480743903>



<https://orcid.org/0000-0001-8592-6395>

DOI: <https://doi.org/>

**Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## A FICÇÃO TRANSFORMA A HISTÓRIA: LAURA ESQUIVEL, JORDI CASTELLS E A REESCRITA DA IMAGEM DE MALINALLI, A MAL APELIDADA MALINCHE

Walquíria Rodrigues Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(walquiriarodrigues2013@gmail.com)

Cláudia Heloisa Luna Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(claudia.luna@letras.ufrj.br)

[...] Malintzin mal poderia representar a assimilação complacente do estrangeiro, porque, em sua vassalagem cambiante, não teve outra força firmadora nem maior recurso de sobrevivência que seu talento, um talento que não se resignou ao esquecimento, como ocorreu com o resto dos vencidos, mas que se transformou em provedor de nomes e sonhos de liberdade que, paradoxalmente, jamais pôde utilizar em proveito próprio. (ROBLES, 2019, p. 294)

### 1 Introdução

O presente artigo é resultado da pesquisa de mestrado em Letras Neolatinas, opção Literaturas Hispânicas, da UFRJ, na qual se visava discutir a figura da mulher denominada Malinche, que atuou como intérprete no período da Invasão do México pelos espanhóis. Essa figura pode ser considerada emblemática, ora por ser considerada amante, ora por ser considerada como refém do furacão colonizador.

A proposta da dissertação foi observar a imagem dessa mulher, de maneira escrita e iconográfica, no romance *Malinche* (2006), de Laura Esquivel, e nas ilustrações de Jordi Castells contidas nele, em contraste com algumas pinturas de artistas mexicanos como Antonio Ruíz (1892-1964), Jesús Helguera (1910-1971) e Roberto Cueva del Río (1908-1988), que apresentam uma mulher cúmplice do invasor.

A narrativa escrita e pictográfica presente no romance de 2006 funciona como uma espécie de reescrita da história por meio da ficção. Esquivel e Castells propõem o revisitar a imagem dessa mulher *nahuatl* com a finalidade de questionar os pontos que a história deixou de lado. Para isso, evocam a tradição indígena para mostrar a perspectiva outra, que a história

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

tida como oficial deixou de apresentar, sendo possível refletir sobre como a mulher que foi subalternizada foi considerada a responsável por condenar seu povo.

A intérprete da “conquista” foi alcunhada de traidora e cúmplice por ser refém de um sistema de dominação do qual conhecia apenas a serventia e a obediência ao seu amo. Seu talento, que em nenhum momento foi usado em favor próprio, era seu recurso de sobrevivência, pois, se não fosse ela a intérprete, muito provavelmente outro autóctone com habilidades linguísticas desempenharia tal função. Malinalli é considerada responsável pela destruição do mundo autóctone e da capital *Tenochtitlán*, sem ser considerado que tal fato foi influência da aliança entre espanhóis e tlaxcaltecas, que, assim como Malinalli, buscavam uma forma de proteção e sobrevivência (PEREIRA, 2021).

O discurso da Malinche traidora é resultado de um sistema colonial e machista, que transformava mulheres em objetos a serem utilizados e possuídos. Logo, o fato de questionar e revisar a imagem dessa mulher contribui para a desconstrução do discurso histórico de culpa e submissão o qual ecoou por muito tempo no imaginário da histórica mexicana.

## 1 Malinalli, a mal apelidada malinche

Há muitas imprecisões acerca da vida da mulher que foi a intérprete no período da invasão das terras hoje denominadas México. Acredita-se que ela tenha nascido na região do Golfo do México, sendo natural de *Painalla*, e que, ainda na infância, tenha sido vendida por sua mãe, após contrair novo matrimônio, para os indígenas de *Xicalango*, com o objetivo de evitar que a filha dividisse o cacicado com o novo herdeiro.

Quando estava sob posse dos indígenas de *Xicalango*, foi dada como tributo, junto a outras mulheres, ao invasor Hernán Cortés, o qual, com sua tropa, chegava para explorar aquele território. Tempos depois, foi chamada de a língua de Cortés, por estar ao lado do invasor traduzindo as falas dos indígenas e espanhóis graças às suas habilidades linguísticas, uma vez que aprendeu maia com os indígenas de *Xicalango* e, posteriormente, castelhano com os espanhóis. Mais tarde, a intérprete deu à luz um filho com o invasor chamado Martín. Não se sabe ao certo se sua participação foi voluntária ou involuntária; apesar de intérprete, Malinalli foi primeiramente escrava.

Sobre a nomeação dessa mulher, *Malintzin* é o nome que consta na maioria dos documentos indígenas. Malinalli é seu nome em *nahuatl* – traduzido como *hierba* – empregado por Esquivel para referenciar a indígena em seu romance. Por isso, esse nome será empregado frequentemente neste artigo, que visa evidenciar a reescrita e o resgate da sua identidade. *Doña Marina* é o nome de batismo dado pelos espanhóis, um nome proveniente do colonizador e que nega a sua identidade. Por fim, Malinche é o nome associado à traição, que, na verdade, era usado para referenciar Cortés, chamado “capitão Malinche”. O nome passou a ser associado à intérprete devido ao fato de estarem sempre juntos nos contextos comunicativos entre as duas

DOI: <https://doi.org/>

### Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

culturas.

É válido recordar que o nome vai além de uma eleição neutra. Por trás dele há um mundo repleto de representações e interpretações, além da perspectiva de quem o escolhe, como enfatiza Grillo (2011, p. 16). Essas variações de nomes atribuídas a Malinalli – nome resgatado por Esquivel e adotado neste trabalho – estão relacionadas com a ideia defendida quando eles são empregados: a mulher indígena, a traidora, a convertida ao catolicismo ou a mulher revista historicamente pela ficção.

Percebe-se como a identidade de Malinalli foi e é modificada. Sua identidade é móvel e transformada social e historicamente de acordo com o que é representado (HALL, 2015, p. 11). Malinalli foi a mulher que viveu o drama de não poder se apropriar de seu próprio nome ou exercer seu idioma livremente, pois lhe foram impostos outro nome, identidade e nova língua. Ela foi o triste exemplo da dupla subalternidade, de raça e de gênero, transformada em amante como um modo de firmar lealdade junto ao invasor Cortés – uma lealdade não só física e política, mas sentimental e psicológica, uma vez que vivia no contexto de mulher cativa.

Como afirma a socióloga e escritora mexicana Martha Robles (2019, p. 292), “Malintzin não era, a rigor, uma traidora de sua gente, mas reflexo exato de uma servidão que envolvia por igual tanto a mulher de nascimento nobre como a da mais ínfima origem”. Robles também sustenta que Malinalli era, de certo modo, oprimida por duas culturas diferentes, mas parecidas pelo fato de reduzir a mulher a uma “presença sem rosto”, uma vez que muitos acordos entre as nações autóctones e entre espanhóis e indígenas eram firmados por meio do casamento de suas filhas.

### 3 A malinche do discurso nacionalista representada pelos pintores mexicanos

O movimento nacionalista mexicano do século XIX trazia discussões à luz de questões sociais e econômicas. Durante esse momento, a imagem de Malinalli é resgatada, como Malinche, por meio do discurso de culpa pelo termo *malinchismo*. Carlos Monsiváis (2001) afirma que o *malinchismo* é político e ideológico, por se tratar de um termo pejorativo. *Malinchismo* ou *malinchista* são expressões associadas à Malinalli – Malinche –, com intenção de ofender a identidade nacional, considerando assim aqueles mexicanos que preferem as influências estrangeiras ao invés da nacional. Assim, de acordo com esse discurso, Malinche prefere o invasor e a sua cultura em lugar da sua e de seu povo.

Deste modo, Malinalli perde sua identidade e passa a ser rotulada por um discurso que a define de modo superficial e machista. O discurso *malinchista* pode ser considerado machista pelo fato de apresentar Malinalli como cúmplice da invasão por estar cega de amor pelo invasor, que foi o responsável por destruir a vida de seus semelhantes. Malinalli é julgada sem levar em consideração seu contexto de cativa, vendida e dada como tributo.

Malinalli é sustentada pelo discurso nacionalista como mito da mulher traidora,

DOI: <https://doi.org/>

#### Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

para fugir do que foi estabelecido como a descendência, fruto da violação e violência colonial. De acordo com as reflexões de Mircea Eliade (1991), o mito é associado à criação de algo ou ao estabelecimento de uma realidade cultural. Malinalli é transformada em mito no imaginário coletivo para explicar os dilemas identitários da nação mexicana, tornando-se a mulher amaldiçoada que destruiu o seu povo ao se associar ao estrangeiro e gerar um filho com ele.

Cristina González (2002) retoma Mircea Eliade ao enfatizar que a lembrança de um acontecimento ou até mesmo personagem pode influenciar a memória popular. Desse modo, as estruturas, arquétipos e acontecimentos são capazes de se enfraquecer. González assevera que o *malinchismo* está relacionado com a legitimação da construção do Estado mexicano, que recorre à historiografia e ao estabelecimento de mitos para se legitimar.

O *malinchismo* também é considerado por Milagros Palma (1991, p. 147) como uma forma de atribuir a culpa e a traição à condição feminina na América. Esse pensamento visa responsabilizar a mulher pelos males da história, apenas por seu gênero, numa constante oposição entre os sexos que evidencia “conquista” e violência. O homem é o “conquistador”, aquele que pratica a ação, e a mulher é a violada, aquela que sofre a ação.

É possível perceber a narrativa da História do México em diversos segmentos como político, artísticos etc. A figura de Malinalli ecoa na história e no imaginário mexicano, logo é possível encontrar o discurso mítico da Malinche – amante cúmplice e traidora – nas obras de alguns pintores mexicanos, como Antonio Ruíz (1892-1964), Jesús Helguera (1910-1971) e Roberto Cueva del Río (1908-1988). Dessa forma, a representação do colonizado, assim como o seu corpo, deve ser observada com atenção. Mesmo as representações fortes e viris podem ser associadas como negativas, uma vez que esse corpo era utilizado como instrumento de trabalho e servidão.

Os estudos de Margo Glantz (2001) propõem que o ser autóctone não era considerado indivíduo, mas sim um grupo de humanos pertencentes a uma hierarquia inferior aos europeus. Para a autora, o fato de um indígena apresentar comportamento cortês ou beleza causava estranhamento, já que esses atributos eram considerados europeus. O indígena era considerado um corpo escravo, selvagem e muitas vezes bestial. Esse mesmo corpo era descartável e afligido, assim como sua identidade. Segundo essa reflexão, podemos considerar Malinalli como exemplo, pois, além de servir sexualmente ao invasor, foi obrigada a adotar outra religião e língua.

Logo, o corpo feminino é duplamente colonizado. Glantz defende ainda que a invasão foi uma heroica narrativa para homens e que as mulheres eram personagens secundárias, as quais “serviam” para satisfazer as necessidades domésticas e sexuais masculinas. Mulheres eram oferecidas em casamentos para estabelecer alianças e gerações. Nesse cenário representativo, o corpo feminino permanece invisível e sem vontade, apenas sujeito às determinações e aos desejos masculinos.

Ana Maria Colling (2015, p. 180) sustenta que o corpo feminino apresenta muito pouco de si: ele “é simplesmente um resultado de discursos e de práticas. Ele é, portanto, um

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

efeito histórico”, visto que sofreu uma desqualificação histórica por meio de práticas discursivas e não discursivas. O corpo feminino foi construído de maneira histórica, cultural e social, associando marcas a ele, principalmente a respeito do que se diz, pois “os discursos todos podem ser abertos e datados e [...] as verdades dadas, são simplesmente interpretações num jogo entre poder e saber” (COLLING, 2015, p. 181). De acordo com Colling, questionar a perspectiva que representa o corpo feminino é um modo de oposição a uma hierarquia dicotômica entre masculino e feminino, possibilitando um novo modo de pensar.

Diante do exposto, é importante observar as representações iconográficas de Malinalli – e de seu corpo – nas pinturas dos artistas mexicanos Antonio Ruíz (1892-1964), Jesús Helguera (1910-1971) e Roberto Cueva del Río (1908-1988), artistas que, apesar dos traços particulares, retrataram uma temática em comum: a Invasão do México e o seu efeito no povo e na história.



Figura 1: Antonio Ruíz, *O sonho da Malinche*

É possível perceber, na pintura de Antonio Ruíz, uma “Malinche” que dorme tranquilamente, mesmo que o mundo dela estivesse sendo transformado e destruído por conta da invasão dos espanhóis. Ela parece não se preocupar e desfruta de um sono tranquilo e profundo, indicando um sinal de conformidade com a ação colonizadora, que pode ser associada às fissuras nas paredes: a fragmentação da Mesoamérica.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>



Ruíz representa uma Malinche evidenciando o corpo e a relação sexual entre ela e o invasor, visto que a cidade colonial é estabelecida sobre o corpo da intérprete, em uma referência ao envolvimento sexual e à cumplicidade junto a Cortés como causa determinante da invasão. Seu torso pode ser visto como símbolo da cidade colonial, fundada pelo corpo através do papel de amante e traidora de seu povo.



Figura 2: Jesús Helguera, *Hernán Cortés e Malinche*

A imagem de Helguera, que parece ter sido retirada de um livro, apresenta um ar romanceado da relação entre “Malinche” e o invasor Hernán Cortés. A paisagem e os personagens são desenhados de modo imponente. Cortés é visto de maneira heroica como um cavaleiro, com armadura, montado em um cavalo branco, enquanto todos o seguem a pé. “Malinche”, nesse contexto, é retratada como a donzela de Cortés.

A intérprete parece apresentar características mais europeias que indígenas por conter uma fisionomia mais sensual. Ela é a representação do feminino sedutor. A relação passional entre os dois é evidenciada, pois ela é a única que acompanha o invasor em seu cavalo, e sua expressão reflete uma donzela que acabou de ser socorrida e repousa nos braços de seu “salvador”, reforçando a visão da mulher amante, cega por um amor que a fez trair o seu povo.

DOI: <https://doi.org/>

**Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>



Figura 3: Roberto Cueva del Río, *O encontro de Moctezuma II e Cortés*

Roberto Cueva Del Río descreve o embate entre as duas culturas por meio de representações e simbologias. A invasão foi resultado de um confronto político, religioso e ideológico. As simbologias indígenas e europeias dividem espaço na pintura desde o céu até a terra. A pintura é dividida em quatro partes, o que pode indicar a diferença na estruturação entre as duas culturas e, ao mesmo tempo, a fragmentação do mundo indígena.

“Malinche” é posicionada ao lado de Cortés na divisão de tela, ou, até mesmo, se pensarmos na divisão dos mundos, ela está ao lado de Cortés, dos espanhóis. Suas mãos e a feição do rosto indicam que ela esteja expressando algum tipo de justificativa diante de *Moctezuma*, para garantir a presença dos espanhóis em suas terras. Ela parece não executar o papel de intérprete, mas apoiar as ações de Cortés.

#### 4 A malinalli reescrita pela narrativa de Laura Esquivel e pelas iconografias de Jordi Castells

A junção da história com a ficção cria possibilidades para investigar as lacunas deixadas. A narração dos fatos relevantes nos diversos campos culturais, sociais e políticos normalmente é oriunda da tradição, dos documentos oficiais ou do próprio avanço tecnológico

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

e científico da humanidade, isto é, a história não acontece apenas pela narração dos fatos, mas pela experiência humana e a interpretação que se faz dela.

Como propõe Peter Burke (1992), a história está além da compilação de muitos dados, fatos e documentos irrefutáveis. É preciso atentar para a história, questionando as fontes e documentos oficiais sobre a produção dos fatos e sobre a história contada sob um único prisma. Afastando-se das influências positivistas, é possível refletir sobre o que o autor denomina nova história.

A ficção possibilita a liberdade que a prática historiográfica restringe, além de explorar os imaginários. A escrita ficcional “cria mundos, não físicos, mas ficcionais, com imaginação” (CLÍMACO, 2012, p. 26) pelo fato de tornar real algo esquecido ou inexistente, levando em consideração que “o fictício e o real fazem parte da experiência cotidiana dos seres humanos” (CLÍMACO, 2012, p. 27).

A junção de história e ficção permite o diálogo entre narrar o que aconteceu e o que poderia ter acontecido. A ficção de temática histórica apresenta o retrato histórico a partir das experiências humanas e acompanha os registros, os impactos do ser humano no mundo, de acordo com sua existência no tempo e no espaço, permitindo a liberdade criativa que o romancista pode ter.

O romance histórico, pela união de história e ficção, concede possibilidades que antes foram deixadas de lado pelo discurso histórico, permitindo à escrita contemporânea retomar perspectivas e identidades que antes foram excluídas. Isto é, a crítica social do passado presente na escrita literária influencia o nosso modo de olhar a atualidade. Raquel de Araújo Serrão (2013, p. 112) afirma que “o que separa o discurso ficcional do histórico são as provas documentais, porém o que os une é o fator tempo”.

No romance histórico, a narrativa atenta para as lacunas deixadas na vida privada do indivíduo histórico, em que é possível observar os personagens envolvidos em conflitos, anseios e questionamentos, projetando “a voz íntima das impressões particulares frente ao momento ou fato histórico narrado” (SERRÃO, 2013, p. 114), como é encontrado no romance *Malinche* (2006), de Laura Esquivel. O que fundamenta essa narrativa não é a documentação comprobatória dos relatos históricos, mas o que movia as ações de Malinalli dentro de determinado contexto.

Esquivel propõe, em sua narrativa, uma reconstrução histórica do passado mexicano pela ótica de Malinalli, que deixa de ser a amante traidora, partindo de uma proposta de crônica não oficial que abarque o que a história esqueceu. A escritora mexicana parte do foco no indivíduo histórico como agente social da história ao acompanhar Malinalli em sua jornada.

Assim, Laura Esquivel busca respostas para entender como era Malinche, a mulher retratada pela história e pelo discurso nacionalista como traidora. A autora busca respostas para compreender o que ela pensava, o que sabia e quais eram as ideias que a acompanhavam, além das razões que a motivaram a atuar como intérprete no período da invasão, levando em consideração as circunstâncias de mulher cativa, duplamente subalternizada, que conhecia

DOI: <https://doi.org/>

**Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

muito bem a servidão.

Desse modo, a escritora mexicana, em sua narrativa e com as iconografias de seu sobrinho Jordi Castells, reconstrói a história da invasão sob a ótica feminina e propicia que a própria Malinalli use sua voz para expor os fatos e mostrar as circunstâncias de suas ações durante o processo de dominação do povo asteca pelos espanhóis. As iconografias, chamadas pela autora de códices, por se aproximarem das produções pré-colombianas e coloniais, dialogam com a escrita. No romance, texto e imagem se completam e se reafirmam.

Na reescrita narrativa e iconográfica de Esquivel e Castells, história e ficção se relacionam tanto como palavra e poder se conectam ao longo da trajetória colonial. A sugestão de releitura da história proposta pela ficção permite analisar o discurso histórico colonial para questioná-lo, suscitando implicações que antes não eram analisadas pela crítica.

Discordante da perspectiva anterior, a de traidora, cúmplice e amante, Laura Esquivel e Jordi Castells descrevem, com o romance, uma Malinalli que se encontrava refém da violência colonizadora, que vivia repleta de medos e anseios. Isso pode ser identificado tanto pela (re)escrita narrativa feita por Esquivel como pela descrição dos códices de Malinalli presentes no romance, ilustradas por seu sobrinho Jordi Castells a partir de seus relatos e orientações, em uma tentativa de códice contemporâneo, como veremos a seguir. As iconografias no romance não possuem legenda; assim, as legendas apresentadas funcionam como uma forma de identificação e contextualização.

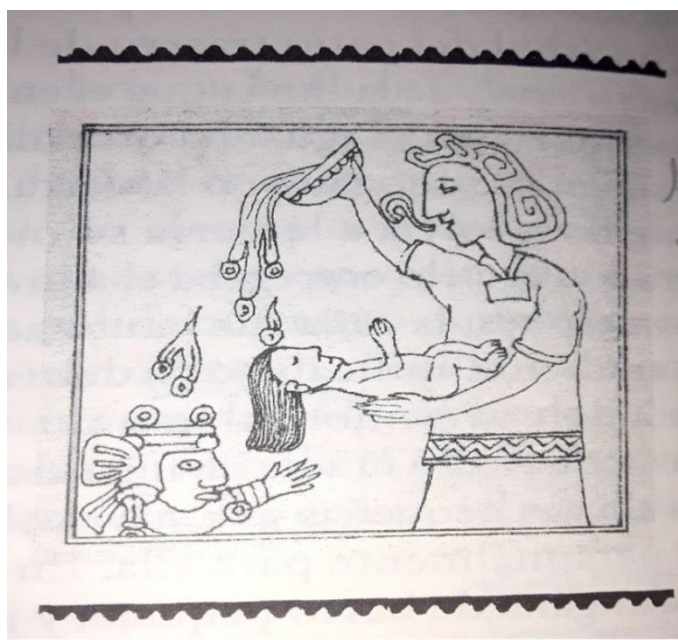


Figura 4: O batismo de Malinalli

Na página 14 do romance, pode ser encontrado o códice que auxilia a narrativa ao

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

relatar como foi o batizado de Malinalli por sua avó. Malinalli recebeu a sabedoria do mundo indígena de sua avó, transmitida antes da morte da idosa. A escrita de Esquivel e a imagem de Castells permitem o resgate da identidade indígena por meio dos rituais e cerimônias que evidenciam a cultura e preservam a memória oral para as gerações posteriores.

Malinalli foi ofertada ao vento, e as águas derramadas sobre si fazem referência à deusa da água *Chalchiuhtlicue*, que era como sua guardiã. Esse ritual era uma forma de a deusa proteger Malinalli de todo mal e, como uma espécie de presságio, fortalecê-la para o seu peregrinar sobre a terra. Esquivel narra que a avó de Malinalli sabia que ela estava destinada a uma grande jornada. Ao receber seu nome, Malinalli – traduzido como *hierba* –, sua sina se inicia, pois, assim como a relva, Malinalli estaria destinada a peregrinar sobre a terra e transformá-la apenas pela sua presença.

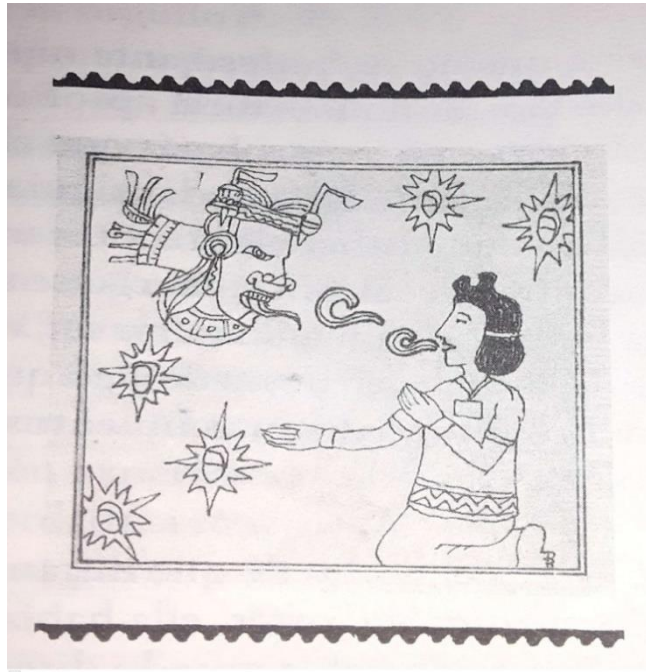


Figura 5: Malinalli e a deusa "Tlazolteotl"

Essa iconografia, localizada na página 123 do romance, expõe o dilema vivido por Malinalli, já na vida adulta e na condição de escrava e intérprete. Esquivel descreve que Malinalli se conscientiza de que os espanhóis não podem ser associados a nenhuma figura divina, pois os deuses em que ela acreditava, conforme sua avó ensinara, não poderiam ser responsáveis por tanta destruição. Como os espanhóis poderiam valorizar mais o ouro, considerado excremento dos deuses, do que o homem, do que o milho sagrado que nutria a todos?

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

Malinalli lamenta ter qualquer associação, ainda que imposta, aos espanhóis e a Cortés. Ela conversa com a deusa *Tlazolteotl* – comedora de pecados de natureza sexual –, o que pode ser observado pelo sinal semelhante ao símbolo de interrogação, que representa a oralidade expressada em rituais, cânticos e poemas, como afirma León-Portilla (2012, p. 98). Malinalli se sentia mal por ser a intérprete e desejava castigo para si, queria ferir sua língua por seu poder transformador de mundos, mas temia pelo que Cortés poderia fazer. Esquivel defende que Malinalli temia, pois sabia que sua língua não lhe pertencia, mas servia aos invasores.



Figura 6: Malinalli reencontra Cortés

O códice acima pode ser visto na página 181 do romance. Ele possui uma característica especial: diferente dos outros registros históricos, ele destina um espaço para a vida de Malinalli depois da “conquista” e proporciona a oportunidade de nossa personagem confrontar o invasor Hernán Cortés. A reescrita de Esquivel e a iconografia de Castells concedem a voz a Malinalli que a história silenciou.

Malinalli lamenta, ainda que por um momento, e de forma involuntária, ter visto Cortés refletido em si, pelo fato de acompanhá-lo em suas ações invasoras. Cortés estava consumido pela ganância e foi acusado de infidelidade junto à Coroa. Por isso, queria que Malinalli testemunhasse a seu favor. A intérprete, que já gozava de sua liberdade, adquire voz para dizer que o seu testemunho não seria favorável e que já não devia nada ao invasor; não

DOI: <https://doi.org/>

**Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"**

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

era mais sua “língua” e nem estava sob seu domínio. Malinalli é, enfim, uma mulher livre.

## 5 Considerações finais

Em suma, as reescritas textuais e iconográficas de Laura Esquivel e Jordi Castells em nada se assemelham com as propostas representativas do mito da mulher traidora e amante cúmplice do discurso nacionalista e dos pintores mexicanos, visto que Esquivel e Castells recuperam a voz esquecida da mulher escrava e refêm da invasão espanhola, que foi vendida, dada como tributo e usada de modo político e sexual.

A Malinalli do romance de 2006 é uma mulher questionadora e temerosa que teve, por meio da ficção, a oportunidade que a história não lhe permitiu: a oportunidade de confrontar o seu invasor. Malinalli era a mulher que possuía palavras importantes e capazes de transformar mundos, mas tais palavras não foram usadas para si ou em favor de si, eram usadas para atingir objetivos outros. Por isso, o termo de traidora, amante, cúmplice e o próprio nome Malinche – como dito anteriormente, que foi uma associação a Cortés – é mal-empregado, principalmente pelo fato de o ser a uma mulher presa a um enredo de violência e servidão.

Sua palavra foi considerada o símbolo da semente mestiça que deu origem ao povo mexicano de hoje. O discurso nacionalista recorre aos mitos para fundamentar a nação mexicana e transformar Malinalli no mito da traidora. Esse discurso defende que ela foi a responsável por permitir a invasão como qualquer outro “malinchista” que prefere as influências estrangeiras e, ao mesmo tempo, transparece que ela tinha o poder de deter os avanços dos espanhóis, o que não era verdade.

Esquivel dedica o seu romance, e a proposta de códice ilustrada por Castells, para contar a trajetória de Malinalli desde o nascimento profético até a sua morte, que acontece de modo transcendente. A autora se apropria da ficção para (re)escrever a história, concedendo voz à mulher indígena estigmatizada. Ela resgata a identidade indígena de Malinalli, sua cultura e suas divindades. Esquivel propõe uma nova versão de crônica e de códice, uma versão contemporânea da história, dedicada exclusivamente a Malinalli.

O romance *Malinche* (2006) apresenta uma Malinalli que se distancia do discurso de culpa e submissão, marcado pela conotação sexual entre a indígena e o invasor, como propõem o discurso *malinchista* e as pinturas dos artistas mexicanos Antonio Ruíz (1892-1964), Jesús Helguera (1910-1971) e Roberto Cueva del Río (1908-1988). No romance, Malinalli é descrita de modo que sua personalidade e cultura sejam evidenciadas, em contraste com as pinturas que destacam a natureza sexual e cúmplice.

DOI: <https://doi.org/>

### Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## Referências

- BURKE, P. A História dos acontecimentos e o novo renascimento da narrativa. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A escrita da história novas perspectivas**. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011. p. 335-356.
- CLÍMACO, A. O. **História e ficção em Santa Evita**. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- COLLING, A. M. Tempos diferentes, discursos iguais. A construção histórica do corpo feminino. **Caderno Espaço Feminino**, v. 28, n. 2, p. 180-200, jul./dez. 2015.
- DEL RÍO, R. C. **O encontro de Moctezuma II e Cortés**. Disponível em: <http://www.mexicolore.co.uk/aztecs/spanish-conquest/dona-marina-part-2>. Acesso em: 02 maio 2021.
- ELIADE, M [1963]. **Mitos y realidad**. Barcelona: Editorial Labor, 1991.
- ESQUIVEL, L. **Malinche**. Buenos Aires: Alfaguara, 2006.
- GLANTZ, M. Malinche y el capitán Malinche. In: GLANTZ, M. **Malinche, sus padres y sus hijos**. México: Santillana Ediciones Generales, 2001.
- GRILLO, R. M. El mito de un nombre: Malinche, Malinalli, Malintzin. **Mitologías hoy**. Barcelona, n. 4, p. 15-27, 2011.
- HALL, S [1992]. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HELGUERA, J. **Hernán Cortés y La Malinche**. Disponível em: <https://es.slideshare.net/carlitosrangel/jess-helguera-artista-mexicano-porlauraalenafuentesrosas-carlitosrangel-mexico>. Acesso em: 02 maio 2021.
- HERNÁNDEZ, C. G. **Doña Marina (la Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Madrid: Ediciones Encuentros, 2002.
- LEÓN-PORTILLA, M [2003]. **Códices: os antigos livros do Novo Mundo**. Tradução Carla Carbone. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012.
- MONSIVÁIS, C. La Malinche y el malinchismo. In: GLANTZ, Margo. **Malinche, sus padres y sus hijos**. México: Santillana Ediciones Generales, 2001.
- PALMA, M. Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza. In: LUNA, Lola G. (Coord.). **Género, clase y raza en América Latina: algunas apontaciones**. Edición del Seminario Interdisciplinar Mujeres y Sociedad, Barcelona, 1991, p. 131-164.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------



PEREIRA, W. R. A presença de Malinche no lienzo de tlaxcala sob a ótica do patrimônio cultural histórico nacional. In: MIRANDA, D. N; MERINO, X. A. D. **Literatura, Decolonialidade e Patrimônio Cultural na América Latina**. Divinópolis: Meus Ritmos, 2021. p. 37-49.

ROBLES, M. **Mulheres, mitos e deusas**. Tradução Willian Lagos e Débora Vieira. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2019.

RUÍZ, A. **O sonho da Malinche**. Disponível em <https://atendimentoeducacionalespecial.blogspot.com/2013/12/descricao.html>. Acesso em: 02 maio 2021.

SERRÃO, R. A. A hora e a vez do rosa no pós-Boom latino-americano: a ficcionalização da história sob a ótica feminina. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 103-118, 2013.

Recebido em: 14/05/2021

Aceito em: 20/08/2021

Publicado em: 21/12/2021

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

**THE FICTION TRANSFORMS THE HISTORY: LAURA ESQUIVEL, JORDI CASTELLS AND THE REWRITING OF MALINALLI'S IMAGE, THE EVIL NICKNAMED MALINCHE**

Walquíria Rodrigues Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(walquiriarodrigues2013@gmail.com)

Cláudia Heloisa Luna Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(claudia.luna@letras.ufrj.br)

**Abstract**

This article seeks to reflect on the figure of Malinalli, the indigenous woman who acted as an interpreter during the invasion of the lands of the present-day Mexico, in particular, on how her image is rewritten in the novel *Malinche* (2006), by Laura Esquivel. Through fiction, Esquivel's narrative and the partnership with the iconographies of Jordi Castells present in the work, the image of this indigenous woman is transformed. The reading of the work is observed in contrast to Malinalli's iconographic representations in the paintings: *Malinche's dream*, by Antonio Ruíz (1892-1964); *Hernán Cortés and Malinche*, by Jesús Helguera (1910-1971); and *The encounter of Moctezuma II and Cortés*, by Roberto Cueva del Río (1908-1988), making it possible to question the image of this obedient and sexualized Mexican woman. Malinalli refers to the pilgrimage of women who were sold and taken from one territory to another, from one "lord" to another, from one way of life to another, all of them uncertain, with the certainty only of servitude, as Martha Robles points out (2019, p. 291). The discussions will be anchored in the following critical studies: Margo Glantz (2001); Cristina González (2002); León-Portilla (2003); Ana Maria Colling (2015), among others. Revisiting Malinalli's image, through fiction, helps us to transform the history of the silenced subjects.

**Keywords:** Malinalli; History; Fiction; Iconography; Rewritten

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Alfenas/MG - CEP 317131-001 - Brasil

<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about>

## LA FICCIÓN CAMBIA LA HISTORIA: LAURA ESQUIVEL, JORDI CASTELLS Y LA REESCRITURA DE LA IMAGEN DE MALINALLI, LA MAL NOMBRADA MALINCHE

Walquíria Rodrigues Pereira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(walquiriarodrigues2013@gmail.com)

Cláudia Heloisa Luna Silva  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
(claudia.luna@letras.ufrj.br)

### Resumen

Este artículo busca reflexionar sobre la figura de Malinalli, la indígena que actuó como intérprete durante la invasión del actual México, en particular cómo su imagen es reescrita en la novela *Malinche* (2006), de Laura Esquivel. A través de la ficción, la narrativa de Esquivel, en colaboración con las iconografías de Jordi Castells presentes en la obra, transforma la imagen de esta mujer. La lectura de la obra es observada en contraste con las representaciones iconográficas de Malinalli en las pinturas: *El sueño de la Malinche* de Antonio Ruíz (1892-1964); *Hernán Cortés y Malinche*, de Jesús Helguera (1910-1971); y *El encuentro de Moctezuma II y Cortés*, de Roberto Cueva del Río (1908-1988), lo que permite cuestionar la imagen de esta mujer mexicana inferiorizada y sexualizada. Malinalli se refiere a la peregrinación de mujeres que fueron vendidas y llevadas de un territorio a otro, de un "señor" a otro, de un modo de vida a otro, todos inciertos, solo con la certeza de la servidumbre, como señala Martha Robles (2019, p. 291). Las discusiones se basarán en los siguientes estudios críticos: Margo Glantz (2001); Cristina González (2002); León-Portilla (2003); Ana Maria Colling (2015) entre otros. Revisar la imagen de Malinalli a través de la ficción nos ayuda a transformar la historia de los sujetos silenciados.

**Palabras claves:** Malinalli; Historia, Ficción; Iconografía; Reescritura.

DOI: <https://doi.org/>

Dossiê "Literatura de autoria feminina em Língua Espanhola"

Revista (Entre Parênteses)	Alfenas, MG	v. 10	n. 2	1-19	e021004	2021
----------------------------	-------------	-------	------	------	---------	------